



MINHA LADY WILKINSON

Mandei uma mensagem de texto naquela mesma noite, dizendo que eu ficaria por cinco dias e perguntando como ela desejava passar esse tempo.

Mal tive tempo de largar o celular.

Menos de dois minutos depois, chegou a resposta dela.

— *Amanhã de manhã às onze.*

Aqui na minha vila em Eaton.

Tomaremos um chá inglês.

Diga-me onde você está hospedado.

Darei o endereço ao meu motorista e ele irá buscá-lo.

Eu sorri.

A organização era militar.

A elegância era britânica.

O convite era impossível de recusar.

Respondi na hora.

— *Às 10h30 estarei em frente ao Hotel Four Seasons.*

Estou hospedado ali perto.

Irei a pé.

Depois fiquei alguns instantes olhando para a mensagem antes de enviar outra.

Eu estava genuinamente envolvido no nosso encontro.

Talvez mais do que estivesse disposto a admitir.

Tinha a sensação de que me preparava para uma cerimônia sem Mestre.

No dia seguinte, ambos chegamos exatamente na hora.

O motorista se chamava Domenique.

Era de origem francesa.

Cortês.

Discreto.

Perfeitamente educado.

Enquanto atravessávamos aquelas ruas, uma sensação estranha me tomou.

Era como se eu já tivesse estado ali.

Minha memória de repente viajou de volta a 1993.

O mesmo lugar.

Com um antigo colega da Gillette.

Achei que fosse mera coincidência.

Um daqueles presentes que a vida às vezes oferece sem que se peça.

Entrei no castelo.

Ela continuava a chamá-lo de vila, por seu natural senso de modéstia.

Para mim, era um castelo.

O segundo que eu visitava na vida.

O primeiro tinha sido o Castelo de Bran, na Transilvânia.

Eu tinha ido até lá para conhecer uma diretora extraordinária, uma mulher magnífica que hospedava

o Conde Vlad, mais conhecido como Drácula, o Empalador.

Encontrei Maggy sentada numa poltrona ao lado do sofá.

Ela me recebeu calorosamente.

Instintivamente, estendi a mão para beijar a dela.

Em vez disso, ela adotou o protocolo francês.

Três beijos.

Éramos simplesmente duas pessoas separadas por gerações e unidas por uma história que nenhum

de nós dois havia ainda terminado de contar.

E, pela primeira vez desde a minha chegada, Londres deixou de parecer uma cidade.

Parecia um destino.

Eu disse a ela que, até onde eu sabia, o ritual do chá inglês pertencia às cinco horas da tarde.

Pelo menos era o que me tinham ensinado na escola.

Às onze da manhã, porém, eu não conseguia entender o que havia mudado.

Ela sorriu.

Então respondeu com a segurança que pertence apenas àqueles que viveram o suficiente para já não precisar convencer ninguém.

— *Os ingleses tomam chá sempre que parecem estar descansando.*

Na verdade, é o momento em que pensam.

É o momento em que tomam decisões.

Não há hora fixa.

O chá das cinco é apenas um formato que alguém institucionalizou para justificar uma pausa no trabalho.

Eu escutava sem interrompê-la.

Ela era uma mulher forte.

Assertiva.

Determinada.

Elegante.

Incansável.

Inflexível.

Era feita de aço.

Como suas espadas.

Era Maggy.

Era minha Lady Wilkinson.

Ferdinando Frega